

## Assuntos de família

“Este é o meu corpo”. Ou, em latim, *Hoc est enim corpus meum*. Poucos saberão que a origem da expressão *Hokuspokus*, popularizada pelos mágicos de salão, faz há tanto tempo parte do património popular da Humanidade como corruptela de uma frase latina.

Hajo Schüller escolheu esta enigmática palavra para o título do seu mais recente trabalho. E, justamente, com este espectáculo os intérpretes dos Familie Flöz saem pela primeira vez de detrás das máscaras que têm sido a sua marca de água, nos últimos anos, nos teatros em que se têm apresentado um pouco por todo o Mundo. Máscaras que — como explicou Hajo Schüller durante o curso de formação *O sentido dos Mestres* que dirigiu em 2019 — uma vez terminadas “determinam de que modo a personagem está de pé, anda, respira, a que velocidade pensa, reage, ou se rebela, e qual a sua melodia interior.

O intérprete, a partir de dentro, e o encenador a partir de fora, tentam decifrá-la”.

Para a criação desta nova peça os Familie Flöz partiram da resposta do encenador italiano Roberto Ciulli ao que seria para ele a Arte: “Fazer algo em competição com Deus, que Ele próprio não se tenha lembrado de fazer”. Inspirando-se nas figuras primordiais de vários mitos da criação, o grupo cria uma família arquetípica, que, no entanto, rapidamente se vê abandonada pelos seus criadores. Perplexas e fascinadas, estas personagens procuram encontrar o seu lugar no Mundo, deparando-se imediatamente com os incontornáveis temas do amor e da identificação, da sede de conhecimento, da inveja e do ódio.

Adão e Eva, duas figuras trágicas, constituem família após serem expulsos do Paraíso — mas os deuses continuam a interferir no seu destino e presenteiam-nos



Os Familie Flöz apresentam-se pela quarta vez em Almada

com o maior número de tarefas possível.

Num espaço cénico que representa um palco de marionetas gigante, os intérpretes de *Hokuspokus* saltitam entre os papéis de deuses-criadores e os de criaturas-acabadas-de-nascer, enfrentando constantemente o problema de a ubiquidade não ser um predicado que os assista. Ouvem-se então as verdadeiras crianças que existem nos actores: fazem perguntas, têm

o seu próprio ponto de vista sobre as coisas, discordam, ou simplesmente desejam que o pai ou a mãe regressem a casa.

As crianças dão voz à criatividade dos seus pais. Trazem-nos de novo à vida. São parte dos dois mundos: o real e o artificial. *Hokuspokus*, a recentíssima criação dos Familie Flöz, bem conhecidos do público do Festival, estreou no passado dia 8 de Junho no Teatro Schiller, em Berlim.

### O FESTIVAL VISTO DE FORA

## Um festival com alma e coração

Estou muito feliz por ter vindo a Portugal e estar presente no Festival de Almada. Para assistir a alguns dos espectáculos do programa, vinda de Lisboa, tive de atravessar o rio. Foi a primeira vez na vida que tive de andar de barco para ver teatro!

É uma grande sorte poder ver teatro contemporâneo português e estrangeiro, que aqui é apresentado de forma brilhante: um teatro socialmente implicado, empático e interessado pelos problemas do Mundo contemporâneo. A organi-

zação de colóquios e debates com os criadores presentes no Festival e a apresentação de livros de teatro são outros momentos preciosos. A homenagem ao cenógrafo português José Manuel Castanheira deu-nos a possibilidade de ficar a conhecer a sua obra, nos pequenos detalhes criativos de uma longa carreira.

Apreciei bastante a presença de tantos espectadores — adultos, crianças e mesmo famílias inteiras — entusiasmados e felizes por viver o Festival em conjunto.

Esta atmosfera torna o ambiente ainda mais especial. E, finalmente, há que mencionar as sessões diárias de música ao vivo, à hora do jantar, antes dos espectáculos ao ar livre, onde todos se reúnem — espectadores e artistas — num convívio próximo e informal, onde são partilhadas emoções sobre as noites vivenciadas nesta fantástica cidade. Neste evento extremamente bem organizado, feito com alma e coração, a minha alma sentiu-se em casa. | Milena Mihaylova, jornalista búlgara e crítica de teatro

### Prémio Carlos Porto

O júri do prémio de jornalismo Carlos Porto já decidiu quais os vencedores deste ano. A entrega dos galardões acontece amanhã antes do espectáculo *Hokuspokus*. Esta distinção consiste em três vertentes: o Grande Prémio Carlos Porto, o Prémio Carlos Porto-imprensa especializada, e o Prémio Carlos Porto-imprensa Generalista. Este prémio internacional de jornalismo foi instituído pela CMA em 2008 para comemorar a 25.ª edição do Festival de Almada.

# O Teatro não pode, mas vai podendo

Foi sobre a capacidade de o teatro mudar o Mundo — para melhor, subentenda-se — que se debruçaram os participantes dos Encontros da Cerca deste ano sob o mote: *Que pode o teatro face ao crescimento das extremas direitas?*. Ontem às 15h00 o auditório da Casa da Cerca encheu-se de público: o debate foi co-organizado com o *Le monde diplomatique*.

Rui Pina Coelho, professor e dramaturgo, recordou a sua recente experiência da montagem da peça que escreveu para o TEP — *Já passaram quantos anos desde a última vez que falámos* —, que atravessou os anos da *troika* e do *TINA* (o acrónimo cunhado por Margaret Thatcher e citado frequentemente por vários neo-liberais defensores da austeridade, “There is no alternative”, que em português significava “Não há alternativa”). Pina Coelho afirmou que “fazer teatro é lutar contra a unanimidade e a obediência”.

Maria João Brilhante, professora e membro do Centro de Estudos de Teatro, lembrou que a História regista esse amarrar do teatro à política. E defendeu que as ideias postas em cena terão sempre eficácia, nem que seja a de um pauzinho na engrenagem. É por isso importante “incutir o desejo de teatro que as sociedades possuem. Alargar o público, que infelizmente está muitas vezes mergulhado em rotinas. O teatro é um alimento, mas está a competir com uma ida ao supermercado”.



O público esgotou a lotação do auditório da Casa da Cerca

Marina da Silva, crítica de teatro, denunciou a forma como a política cultural se alterou nos municípios franceses onde a extrema direita chegou ao poder: espectáculos cancelados por razões ideológicas, despedimentos, censura. Um certo desencanto, que só resiste porque “o tecido social, e até institucional, é forte, apesar das suas fragilidades — como ficou demonstrado pela luta dos precários”.

Falou, por fim, Olivier Neveux, professor na Universidade de Lyon, propondo uma viagem a um tempo em que houve soluções que poderiam ser aproveitadas hoje. Alemanha, anos trinta. Brecht assiste ao triunfo do nazismo, e “mudou a sua forma de fazer teatro nessa altura, face à iminência do trágico. Há um antes e um depois na sua obra. As próprias circunstâncias mudaram-na. O seu teatro passou a ser mais implicado, militante”. Segundo o autor de *Contre le théâtre*

*politique*, há “uma eficácia política que devemos reter. O teatro deve ter como função mostrar em cena todos e cada um de nós. E não ser explicativo, pois o grande momento a partir do qual posso ter vontade de mudar o Mundo é justamente aquele em que sou surpreendido. O teatro tem a responsabilidade de não se levar demasiado a sério. De ser humilde, e de perceber que, apesar dessa postura, não deve abandonar a luta. Veja-se o que já se evoluiu, por exemplo, na definição daquilo que são hoje os direitos das mulheres. O teatro não se confunde com a teologia, a moral, ou a ética. Mas é iminentemente político. E por isso o fascismo não é uma fatalidade”.

A assistência entrou em diálogo com os convidados, e colocou várias perguntas relacionadas com os temas levantados. Passava das seis da tarde quando a sessão terminou.

## MEU FESTIVAL *Al Pantalone*

Regressamos este ano à Esplanada e ao Palco Grande! Foi neste Palco que conheci o grande *Al Pantalone*, de Mário Bottequilha, com encenação de Miguel Seabra, em 2014. Foi um espectáculo clássico de ‘commedia dell’arte’ mas sobre o momento histórico do Portugal de então, da ‘troika’ e do Mundo. É-nos contada a história da queda de um banco e dum embuste. Nada voltará a ser igual, depois do golpe dado a um País e a

uma geração pelo ganancioso Pantalone, o homem que quer sempre mais uma moedinha no porta-moedas e um amigo bem colocado no bolso. Esta é a época em que a culpa morre solteira e quem ‘reina’ é Pantalone! Em 2015 esta peça foi Espectáculo de Honra

O teatro faz-nos rir, espantar, pensar sobre coincidências e similitudes com a realidade, passado e presente – realidade nossa, a pessoal, mas também sobre a comunitária, local, nacional, política! E que, sem tabús, cá estamos, vivemos e, por vezes, também e só sobrevivemos – a crises da ‘Banca’, a crises pandémicas, sanitárias,



climáticas... Que somos seres e indivíduos, vivos e políticos, sempre a tomar decisões; a fazer caminhos e ter opções como partilhar, ou invejar; doar ou açambarcar; defender e lutar ou aceitar, subordinar ou subjugar o outro ser humano! | **Sónia T. Pires da Silva, 45 anos, antropóloga**

## Vamos votar

Esta é a lista de espectáculos que podem ser votados para o próximo Espectáculo de Honra: *Nenhuma ideia, Noite de reis, Se eu fosse Nina, Smashed2, Museu Pasolini, Eu sou a minha própria mulher, Em casa, no zoo, A coragem da minha mãe, Malhas, Terras do sul e Fado nas veias*. O público poderá votar amanhã à entrada do Palco Grande.

## Conversa com Nadège Prugnard

Nadège Prugnard será a última das criadoras a estar à conversa com o público na série Colóquios na Esplanada. Amanhã às 18 horas, a criadora e intérprete de *Fado nas veias* estará à conversa com a jornalista luso-francesa Marina da Silva.

### AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio  
**Nadège Prugnard**  
Escola D. António da Costa

19:00 | Teatro  
**Hands do not touch  
your precious Me**  
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 e 24:00 | Música  
**Rita Braga**  
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro  
**Hokuspokus**  
Escola D. António da Costa

### RESTAURANTE DA ESPLANADA

**HOJE**  
Lombinhos de porco c/ alecrim  
Pescada gratinada

**AMANHÃ**  
Empadão  
Solha frita c/ arroz de grelos



Evento organizado no âmbito da Temporada Portugal-França 2022